



“Hip Hop na Escola: RAPensando a Sociedade”

Proponente: Djenane Vieira

Escola: CMEJA Prof. Dr. André Franco Montoro

Data de realização: Julho de 2019 a Setembro 2019

Categoria: EJA - Educação de Jovens e Adultos

Linguagem: Várias linguagens

1. Introdução

É muito comum encontrarmos numa busca rápida pelas plataformas digitais, projetos desenvolvidos em escolas regulares, cujo o tema seja a Cultura Hip Hop, sobretudo aqueles realizados com crianças, em geral, nas disciplinas de Educação Física, tendo o mote a dança (o *break dance*) usando os b-boys ou b-girls como elementos desta cultura urbana. Contudo, projetos realizados com classes de Educação de Jovens e Adultos são bem raros e os poucos encontrados não apresentam um arcabouço teórico consistente ou recorrem sempre à dança.

Sendo assim, este projeto foi pensado e desenvolvido especialmente para classes de EJA, considerando suas particularidades com relação à idade dos alunos, as experiências musicais prévias destes, leitura de mundo e repertório cultural, contudo, nada impede que seja desenvolvido em classes de Ensino Fundamental e Ensino Médio da escola regular.

As inúmeras fotos e vídeos e registro desse projeto encontram-se no site: <https://nanypensante.wixsite.com/meusite/hip-hop-na-escola-rapensando-a-soci>

Sempre analiso inicialmente os perfis das turmas que recebo e daí então apresento os projetos que, ao meu ver, se encaixam no perfil de cada uma delas e eu buscava uma turma que aceitasse desenvolver esse projeto, que já havia sido planejado há tempos atrás. Trazer o Hip Hop para a escola não é algo novo, contudo, no contexto da nossa escola, a temática e o desenvolvimento do projeto foram inéditos. A turma, de Ensino Médio, envolvida tinha 14 participantes: 5 mulheres e 9 homens. Isso é um fato raro, visto que em todas as turmas, em geral, são majoritariamente femininas. Todos já tinham em alguma medida uma aproximação com a Cultura Hip Hop, a maioria com o rap (um dos alunos já havia feito parte de um grupo de break dance), seja na adolescência, por influência de parentes e amigos, ou por terem tido a vivência dos bailes *blacks* da região. Contudo, a possibilidade de práticas músicas e uma análise sociológica que tivesse o rap como foco não era vislumbrado pelos alunos como possibilidade de atividade nas aulas de Arte. Esse foi a grande atrativo do projeto para os alunos: novas possibilidades para vivenciar algo que eles já conheciam.

Esse projeto teve como inspiração o primeiro trabalho acadêmico no Brasil sobre Hip Hop, que foi a dissertação de mestrado em Educação pela USP, da professora Elaine Nunes de Andrade, que desenvolveu estudo sobre os processos de ensino intrínsecos na cultura hip Hop, que gerou o clássico livro “Rap e Educação, Rap é Educação”. Outra motivação também são meus estudos sobre o tema que trouxe o âmbito da sala de aula agora no doutorado.

2. Justificativa

O projeto justificou-se pela sua consonância com a lei 10.639/03, visto que, a cultura Hip Hop é uma cultura urbana afrodiáspórica contemporânea, que carrega traços ancestrais (AMARAL, 2015), ao mesmo tempo em que efetiva a lei 11.745/08, sobre a obrigatoriedade do ensino de Música nas escolas. Destaco aqui o fato de que inúmeras pesquisas em Arte no Brasil têm levantado questionamentos com relação à atenção dada unicamente aos conteúdos e às práticas hegemônicas, dentro do cânone academicista europeu, no ensino de Arte na Educação Básica e na formação inicial de professores das diferentes linguagens artísticas.

Portanto, o presente projeto propôs romper padrões europeus postos e estabelecidos como ideais, trazendo novas possibilidades para o ensino de Arte na escola, novos autores, artistas, produções e narrativas que se aproximam do universo pluricultural do nosso país.

3. Objetivos

3.1 Geral

Promover o ensino de Arte na escola numa perspectiva decolonial, promovendo o desenvolvimento de habilidades musicais no contexto do Rap (ritmo e poesia) e do DJ como elementos musicais da Cultura Hip Hop, bem como refletir sobre as desigualdades sociais partindo da análise de discurso das letras de grupos e cantores de rap.

3.2 Específicos

- 3.1.1 Apresentar a História do Hip Hop desde sua origem, na Jamaica, passando por sua afirmação nas periferias de Nova York até a disseminação do mesmo por várias partes do mundo.
- 3.1.2 Analisar a construção da identidade cultural de jovens periféricos, principais produtores e consumidores desse gênero, bem como sua influência na afirmação da identidade negra.
- 3.1.3 Discutir as desigualdades sociais, sobretudo o racismo institucional e estrutural, numa perspectiva sociológica, com análise crítica de obras dos principais artistas do gênero.
- 3.1.4 Analisar como atuam os hip-hopers (os artistas da cultura hip hop) no âmbito dos 5 elementos: B-boy ou B-girl; MC; DJ; Grafite e o CONHECIMENTO.
- 3.1.5 Promover vivências musicais e visuais a partir de oficinas ministradas por artistas da Cultura Hip Hop.
- 3.1.6 Estimular a produção e composição e rimas aliados às batidas rítmicas, respeitando as limitações de cada aluno.

4. Materiais

Para o desenvolvimento das etapas do projeto, foram utilizados aparelhos de som, tv, computador, quadro branco, filmes, documentários, livros, textos, máquina fotográfica, instrumentos musicais, toca-discos. Também confeccionamos camisetas do projeto e contratamos uma empresa de audiovisual para registrar o fechamento do projeto e garantir a qualidade das imagens.



Figura 1: Profa. Nany Vieira e o banco de palavras criado pelos alunos.

5. Metodologia

Para melhor compreensão do desenvolvimento do projeto, faz-se necessário contextualizar como se dá a dinâmica das aulas no CMEJA Prof. Dr. André Franco Montoro. Cada aluno percorre um circuito de disciplinas até totalizar todo o currículo do Ensino Médio, totalizando 23 encontros de 2h, o que dá aproximadamente 2 meses e 14 dias, visto que as aulas ocorrem 2 vezes por semana alternando as sextas-feiras. Sendo assim, o tempo é o maior desafio na realização de projetos. Vale salientar aqui que, o Hip Hop é um movimento afrodiaspórico e que as narrativas orais se fazem contextualizadas, portanto, grande parte dos registros dos alunos nas aulas e do desenvolvimento do projeto em si, se deu pelo recurso do audiovisual (VER AUTORAS). O projeto foi desenvolvido em 9 etapas ao longo dos quase três meses de aula, a saber:

5.1 Etapa 1 - Apresentação do projeto e narrativas dos conhecimentos prévios

Essa etapa durou duas aulas e foi registrado também um memorial em vídeo, contendo as histórias autobiográficas musicais dos alunos, ou seja, como esses alunos se relacionavam com a Música desde a mais tenra idade e quais músicas e/ou gêneros fizeram e fazem parte da vida de cada um. Foi no formato de roda de conversa para conhecer as vivências culturais e o repertório musical dos alunos. Alguns já tinham vivenciado a escuta do rap na adolescência com mais frequência, outros apenas haviam tido uma escuta secundária (ouvia porque o irmão, ou os pais, vizinhos ouviam). Os gêneros mais escutados pelos alunos na atualidade eram o sertanejo universitário e o rock. (vídeo no site)

5.2 Etapa 2 – A Origem do Movimento Hip Hop e seu contexto social

Nesta etapa fiz uma apresentação baseada na minha [dissertação de mestrado](#), sobre a história do Hip Hop, com seus principais personagens, locais, músicas, registros fonográficos, contexto social e econômico.



Figura 2: Alunos assistem entrevista de Mano Brown

Foram usados também [filmes](#), [documentários](#), [videoclipes](#), [entrevistas](#) com artistas do Hip Hop extraídas da plataforma de vídeos Youtube, fotos de alguns shows de rap que registrei ao longo dos anos, fotos dos bairros do Bronx e do Harlem (berço do Hip Hop mundial) que fiz em viagem de estudo à Nova York, para a pesquisa de mestrado. Foram discutidas as questões sociais e também étnico-raciais que impulsionaram o surgimento do Hip Hop e também o contexto econômico das comunidades negras e latinas da cidade de Nova York. Usei trechos de algumas séries, entre elas [“Hip Hop Evolution”](#) e [“The Get Down”](#).

5.3 Etapa 3 - Escolha dos textos para leitura e resumo como parte da avaliação.



Figura 3: Alunos escolhem textos dos livros.

Nesta etapa o elemento a ser trabalhado foi o CONHECIMENTO, considerado o 5º elemento da cultura Hip Hop. Levei um vasto acervo de livros da minha biblioteca particular de pesquisa que discutem o Hip Hop sob a ótica de diferentes campos do conhecimento, como Sociologia, Literatura, Educação, Antropologia, Filosofia, Artes Visuais e Música.

Dentre esses livros também usamos o “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire. Os alunos deveriam escolher um trecho de um capítulo de um dos livros e apresentar no final do projeto antes da apresentação pública.

Os alunos não demonstraram muito interesse nesta etapa do projeto, visto que estavam mais concentrados e interessados na composição e na apresentação final, contudo, insisti que a leitura era a base da composição de todos os rappers. Nem todos os alunos concluíram essa etapa, contudo todos participaram das demais atividades e desconsiderei a entrega de registro escrito, com a condição de explanarem oralmente o que leram. Apenas dois alunos o fizeram. Um deles apresentou no palco, no dia do fechamento do projeto.



Figura 4: Alunos Vinicius e Sergio escolhem textos

5.4 - Etapa 4 - Processos de criação coletiva de rimas com oficina de MC

Nesta etapa do projeto era necessário produzir um banco de palavras que seriam possivelmente usadas em uma produção coletiva. Propomos jogos de memória e palavras que inicialmente não se relacionavam, posteriormente se relacionavam, depois rimavam e por fim a criação das frases. Os alunos tinham que registrar no caderno palavras que rimavam mas que deveriam estar dentro de um determinado contexto. Um dos temas escolhidos para uma produção inicial foi **“transporte público”**. Todos colaboraram para a formação do banco de palavras e a composição ficou da seguinte forma:

*“Eu acordo às 4h da matina
pego meu busão pra seguir na rotina
De tanto stress até bagunça minha retina
É tanta gente em pé que até desanima
População não tem educação
O sem noção não dá lugar pra idoso não
É cada um por si aqui é a lei do cão
Quem entrou, entrou, que não entrou é vacilão”*

A base rítmica usada para essa composição/paródia foi “Fórmula Mágica da Paz”, do grupo Racionais MC’s. Esse registro está em vídeo depositado no site.

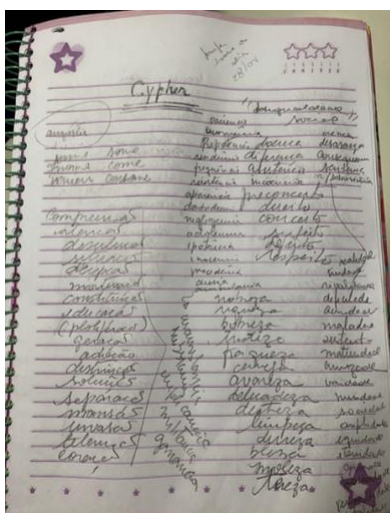


Figura 5: Banco de palavras criado pelos alunos.

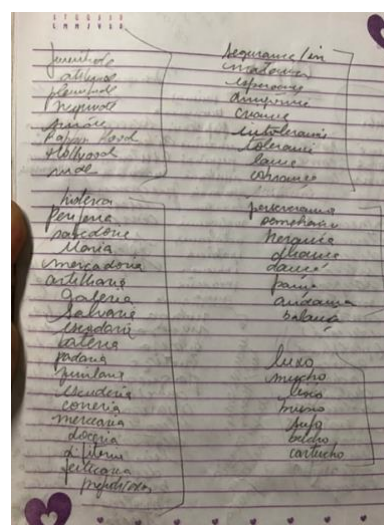


Figura 6: Continuação do banco de palavras criado pelos alunos.

Para entender a estrutura de uma frase e uma estrofe usamos vários trechos de rap localizando as rimas e também um trabalho de expressão corporal, ritmo e lateralidade. Fizemos testes com músicas de vários cantores ou grupos, mas em especial, os Racionais MC's por serem o grupo de rap mais popular do Brasil. A base escolhida foi a música 'Fórmula Mágica da Paz' dos próprios Racionais. Convidamos o rapper e apresentador jundiaense, Alexandre RE. Ele analisou as produções dos alunos e deu uma palestra, além de fazer rimas e desafiar os alunos para batalhas de rimas.

5.5 Etapa 5 - Análise crítica das letras de rap

As análises de diferentes letras de rap foram o ponto inicial para fomentar as discussões sobre as categorias raça, classe e gênero, sobre violência policial, identidade negra, drogas e tais discussões foram muito produtivas. Os alunos trouxeram inúmeros episódios que vivenciaram e que iam ao encontro do que discutimos, inclusive fizemos uma reflexão sobre a legitimidade ou não das ações policiais nas comunidades. Usamos várias músicas, entre elas: "Jesus Chorou", "Negro Drama", "Fórmula Mágica da Paz", "Negro Limitado", "Diário de um Detento", todas do grupo **Racionais MC's**. Do rapper **Emicida** usamos "Triunfo", "Mandume", "Levanta e Anda". Do rapper **Criolo** usamos "Ainda há tempo", "Não existe amor em SP", "Esquiva da Esgrima", "Menino Minado".

Todas as músicas possibilitaram uma análise sociológica partindo da realidade do país trazida nas letras. As discussões foram bastante acaloradas. Alguns alunos custaram a acreditar que muitas das situações discutidas em sala eram racismo para seus amigos negros. Após as discussões os alunos puderam refletir sobre as desigualdades raciais que, em grande parte, resulta nas desigualdades sociais, resquícios do período colonial brasileiro.

5.6 Etapa 6 - Oficina de DJ

Convidamos o DJ Bobby, arte-educador de Diadema, Grande São Paulo. Ele levou seu equipamento de discotecagem e muitos discos de vinil. Contou a história da fonografia da *black music* no Brasil e do Hip Hop paulistano.



Figura 7: DJ Bobby e aluno Sergio no toca-discos.



Figura 8: DJ Bobby e aluno Leonardo no toca-discos

Os alunos vivenciaram a experiência da discotecagem na prática por meio da técnica de *scratch* (“arranhando” o disco). todos os alunos participaram desta oficina. Foi muito proveitosa. O DJ Bobby tem um histórico de militância negra enquanto arte-educador e foi possível proporcionar aos alunos um aprendizado histórico sobre cultura afro-brasileira e história de África. Os alunos adoraram a experiência. Por conta da logística, a oficina durou uma aula.

5.6 Etapa 7 – Oficina de Grafite

O artista visual e arte-educador Júnior Trezzy foi convidado para produzir junto com os alunos o cenário de uma peça, que foi a adaptação do livro "Quarto de despejo - diário de uma favelada", de Carolina Maria de Jesus, que foi apresentada por alunos de outra turma, na mesma disciplina de Arte.



Figura 9: profa. Nany, Alunos e o artista Junior Trezzy (ao centro de boné claro)

O grafiteiro fez um apanhado histórico sobre o grafite enquanto arte urbana e os alunos aprenderam a manusear as tintas em sprays. O cenário escolhido foi uma favela, visto que a história do livro se passa numa favela de São Paulo. Apenas uma aluna havia tido a experiência de grafitar quando adolescente, os demais estava sendo a primeira vez que estava tendo a experiência. todo o material foi comprado pela escola.



Figura 10: aluno Pedro e o grafiteiro Junior Trezzy (ao fundo)



Figura 11: aluna Sandra e Junior Trezzy

5.8 Etapa 8 – Avaliação

Os alunos não apresentaram por escrito seus resumos dos capítulos dos livros escolhidos, como já mencionado anteriormente, mas deveriam responder a um questionário de autoavaliação sobre os impactos do projeto e sobre e a participação deles neste processo de construção de conhecimento. Contudo, os questionários estão no armário da escola e não foi possível reavê-los devido à pandemia. Nem todos responderam ao questionário, na verdade apenas 3 alunos e por isso faço aqui uma avaliação do envolvimento de todos os alunos no projeto.

A avaliação do processo de aprendizagem dos alunos foi contínua, analisando a participação e envolvimento em cada etapa. No início eles se mostraram tímidos, porém essa atitude mudou no decorrer do projeto. O desenvolvimento musical também foi observado, embora não se tenha tido o objetivo de formar rappers e sim, promover uma vivência musical que refletisse sobre a sociedade e contemplasse outras narrativas para além do cânone acadêmico no ensino da Arte. Cada interlocução dos alunos foi considerada e respeitada, sobretudo nas discussões levantadas. Foi observado que nem todos os alunos alcançaram o processo de produção individual, contando com ao menos duas estrofes, contudo, nas demais etapas esses mesmos alunos conseguiram alcançar os objetivos propostos.

Todas as etapas foram fotografadas e filmadas como forma de registro documental. A produção dos alunos em grande parte do projeto se deu de forma oral (considerando o caráter ancestral das culturas da diáspora africana) tivemos alguns poucos registros escritos, mas grande parte de todo o material do processo de desenvolvimento dos alunos está documentado em filmes e fotos. Pude observar que os alunos desenvolveram um senso crítico mais apurado após análise de discurso das músicas, das falas dos rappers, das atitudes. Como foi dito, a oralidade permeou grande parte do projeto.

Como prevê a BNCC o ensino de Arte deve proporcionar o desenvolvimento do senso crítico, da autonomia, do respeito às diferenças culturais e ao outro. Minha análise desse projeto é sua eficácia e aplicabilidade em qualquer classe de Ensino Fundamental ou Ensino Médio, respeitando as idades, materiais e espaços escolares disponíveis. A análise que faço do ponto de vista pedagógico é a necessidade de adaptação do tempo de execução, visto que foi um curto espaço tempo para várias etapas. Não considere esse fator, mas de qualquer forma as etapas previstas foram cumpridas, ainda que a etapa do resumos dos textos e da autoavaliação não tenha sido cumprida de forma escrita por todos os alunos, mas sim, de forma oral.

5.9 Etapa 9 – Apresentação Pública

O fechamento do projeto ocorreu no auditório da própria escola no dia 27 de Setembro de 2019, às 16h, contando com participação de músicos profissionais, como o baterista Ricardo Oliveira e o baixista Cahê Boldrini, Dj Bobby, que esteve conosco ministrando oficina e um convidado especial: o DJ Dandan, que acompanha o rapper Criolo.



Figura 12: Apresentação dos alunos no auditório



Figura 13: Bate-papo com DJ Dandan

O auditório da escola é equipado com mesa de som. Um profissional do audiovisual se dispôs a fazer o registro voluntariamente, garantindo assim a qualidade das imagens.

Os alunos estavam bem nervosos, porém, sorriam e estavam felizes. Confeccionamos camisetas com um logo diferenciado para os alunos, com os nomes de todos atrás das camisetas. Cada aluno ganhou um apelido de MC. Por exemplo: *MC Sergião*, *MC Fininho*, *MC Leozinho* e etc. Os próprios alunos escolheram seus apelidos. O clima era de total descontração.

Um fato muito constrangedor aconteceu, embora não tenha afetado tanto a apresentação: O DJ Bobby ligou sua aparelhagem diretamente na tomada (em Jundiaí a voltagem é 220W), ocasionando curto circuito no aparelho de toca discos, não tendo como se apresentar. Fiquei muito nervosa por conta do ocorrido e isso me desestabilizou um pouco, mas os alunos e o próprio DJ Bobby me acalmaram com relação à solução do problema, que seria simples e não acarretaria um prejuízo financeiro tão grande.



Figura 14: Apresentação dos alunos no auditório

Os alunos apresentaram a produção coletiva e a produção de um dos alunos, acompanhados dos músicos convidados. O aluno Hygor, visivelmente emocionado, apresentou sua análise da música "A vida é desafio" do grupo Racionais MC's. Foi um momento muito especial.



Figura 15: Aluno Hygor apresenta sua análise de texto

Módulo: Artes
Aluno: Hygor de Freitas Rodrigues - Professor: Nery Vieira - Turma: 22
Mensagem ao mês de setembro amarelo combate à depressão
 Desafios, letra, racismo, "depressão", saudade, assuntos variados e principalmente RAP.
ANÁLISE: Racionais MC's - A Vida é Desafio
 Boa tarde, vou fazer uma análise sobre A Vida é desafio.
 Enfim, a "análise" sobre a letra da mencionada música, pela seguinte razão: este mês de Setembro é o mês de combate ao suicídio conhecido como o mês amarelo - por algum motivo resultou essa música, detalhe: já tinha ouvido várias vezes e já a conhecia a muito tempo, mas agora, presta atenção bem mais a fundo em tudo que ela fala e realmente me tocou e me fez refletir por alguns momentos, como não refletia a muito tempo, e creio que pode tocar a vocês também.
 O começo dela já é bem forte, começa com uma espécie de "depoimento" ou "relato" do Alho-X, que segue assim:
 "Sempre fui sonhador! É isso que me mantém vivo
 Quando joguei, meu sonho era ser jogador de futebol. Vai ver...
 Mas o sistema limita nossa vida de tal forma, que eu tive que fazer minha escolha: sonhar ou sobreviver
 Os anos se passaram e eu fui me equipando do ciclo vicioso
 Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido
 Aceitei que o sonho de todo pobre, é ser rico
 Em busca do meu sonho de consumo procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas: o crime
 Mas é um dinheiro amaldiçoado, quanto mais eu ganhava, mais eu gastava
 Logo fui cobrado pela lei da natureza, vai... 14 anos de reclusão... Barato é loco, ô!"
 Esse começo já me pegou de jeito - afinal de contas quem nunca se fez essa pergunta? "Sonhar ou sobreviver", mas como assim? quem nunca bateu de frente com uma situação na vida onde ficou de cara e teve que optar pelo mais prático e viável, qual seja, o mais necessário, ou aquilo que queria, que realmente desejava do seu momento atual? É a segunda pergunta, será que a gente não pode ter as duas coisas, ou unificá-las em uma só? Bem... eu

não sei, mas eu penso da seguinte maneira: olha a quantidade de pessoas que veio de baixo e conseguiu alcançar o topo, parem pra ver na história do RAP quantas pessoas vieram das condições de condições piores e conseguiram que sonharem sua voz, e mais além, não só no RAP, olham ao seu redor, comecem a observar, e parece clichê, mas na real, o que essas pessoas tem de diferente que você não tem? a resposta é NADA, claro que elas um dia tiveram vontade para seguir seus sonhos independentemente das barreiras opostas no seu caminho, mas são todas pessoas, como nós. Pensando desta maneira na "análise" eu parei e fiquei "caramba, eu tenho vários sonhos também, e to aqui chorando, ficando triste, depressivo, sendo que esse tempo eu poderia estar usando para colocar eles em ação".
 Acaba do verso 01 do Edif Rock (vou colocar só um pedaço da estrofe aqui por que se não ficará muito grande):
 "É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
 Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
 Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
 É o subterfúgio alimenta mais a sua coragem
 Que a sua família precisa de você!
 Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder
 Falo do amor entre homem, filha e mulher!
 A única verdade universal que mantém a fé
 Olhe as crianças que é o futuro e a esperança
 Que ainda não conhece, não sente o que é ódio e ganância
 Fuja o rico que teme perder a fortuna
 Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda
 Falo do enfermo, falo do idô
 Falo da rua que pra mim ficou mundo
 Que o caminho da cura pode ser a doença
 Que o caminho do perdão às vezes é a sentença"
 Essa parte!!! A frase desse verso que me fez que dia tudo de uma forma enorme é "Que o caminho da cura pode ser a doença", meu, não tem nada que ilumina mais o pensamento, do que esse pedacinho, aí vocês me perguntam "MAS PORQUE QUE?" simplesmente por que faz todo o sentido do mundo, caramba, é óbvio que a cura em 99,9% das vezes é a própria doença, digo, em relação a dor, em relação aos nossos problemas de modo geral, mas em especial a dor, não sei se vocês, mas eu já notei que certas coisas doem muito mais quando você sente "fingir" que elas não estão ali, ou simplesmente não se aceita, quando você tenta "tapar o sol com a peneira", quando você foge daquilo tentando enganar a si mesmo, parece que demora bem mais para passar ou simplesmente não passa, você tem que viver seu momento, viver sua dor, não esteja dizendo para você entrar numa fase profunda e sem fim, mas se você precisar chorar - chore, veja filmes tristes sim, desabafe com as pessoas que você confia ou somente consigo mesmo, mas aceite que você precisa passar por aquilo, eu sou da filosofia que tudo acontece por um propósito ou um sentido, mas nem é por tal motivo, se você precisa passar por aquilo certamente era para seu aprendizado e fortalecimento, então viva a vida a sua "doença", pois ela é sua cura sim, bem como o caminho muitas vezes para o perdão é "cumprir" a pena, cumprir sua "sentença", nos mais amplos sentidos, na vida você às vezes não pode "cumprir um tempo da pena" e nem ser beneficiado "por ter bom comportamento" e

Figuras 16 e 17: Trechos da análise do aluno Hygor

O Aluno Hygor teve dificuldade em compreender a dinâmica do racismo estrutural. Houve discussões calorosas que na verdade foram importantes para esse processo de desconstrução de conceitos erroneamente aprendidos.

Como dito, uma das etapas era a construção de um rap individual e ele foi um dos alunos que conseguiu fazer a letra de seu rap em cima da base de "Fórmula Mágica da Paz". Na verdade, o Hygor fez uma paródia, mas foi muito interessante perceber seu envolvimento no projeto e seu interesse e esforço em escrever uma letra de rap.

O estudo mágico ó oque faz.
 1 mensagem
 hygor freitas <rodriquestribuicoes@gmail.com>
 Para: Hygor Rodrigues <rodriquestribuicao@gmail.com>
 O estudo mágico ó oque faz.
 Estudar da muito trabalho
 Quantas vezes eu pensei em desistir?
 Mas aí, meu estudo é tudo que tenho
 O meu futuro é aqui, eu não consigo sair
 É muito fácil desistir, mas eu não vou
 Não vou traír quem eu fui quem eu sou
 Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim
 Ensino da escola é muito bom pra mim
 Cada lugar, um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão, e eu sempre respeitei!
 Qualquer escola qualquer área
 Aqui no INCEJA ou particular na quebrada e dentro
 E aqui é oque vc mais precisa pegar seu diploma e mostrar pros manos
 Ser um advogado pra tirar os manos
 No dia da escola vc diz
 que eu vou levar os trabalhos e a professora fica feliz
 Então como eu tava dizendo sangue bom
 Isso não é sermão, ouve ai tem o dom?
 Eu sei como é que é
 É foda parceiro
 E... conversa da professora o dia inteiro
 Nada de bronca nada eu falo, seu jeito não tem prova, não tem porquê
 Sendo assim sem nota ze mané
 Vc sabe muito bem oque ela quer
 E faça o trabalho se vc puder
 E embaçado ou não é?
 Eu vou procurar, sei que vou encontrar, eu vou procurar, eu vou procurar
 Vc não bota uma fé
 Mas eu vou passar e o diploma conquistar
 Agradeço a Deus e aos orixás
 Ai procura a sua
 Eu vou atrás do estudo mágico e oque trás
 Aqui quem fala é o mano hygor mais um estudante.

Figuras 18: paródia feita pelo aluno Hygor

6. Autoavaliação

Considero esse projeto como uma das grandes empreitadas da minha carreira de docente. Sempre trabalhei com projetos e gosto do desafio de elaborar e por em prática projetos grandes. Foi cansativo, mas extremamente prazeroso ver que é possível pensar em práticas pedagógicas que contemplem as culturas marginalizadas, as tradições populares, as culturas urbanas contemporâneas, os saberes tradicionais e ancestrais. 2019 foi um ano em que eu coloquei em prática projetos que não havia conseguido ainda realizá-los com alunos do Fundamental I, os quais lecionei Arte na mesma escola nos dois anos anteriores. Foi um ano em que me senti realizada enquanto professora de Arte. Os desafios pessoais e profissionais foram grandes, mas consegui vencê-los com a ajuda especial dos alunos e de amigos artistas que colaboraram muito.

Seria leviano dizer que foi 100% perfeito. Houve embates e questionamentos dos alunos com relação à minha didática e até nisso fiquei contente, ao ver que tudo o que discutimos em sala de aula sobre o Rap fazer questionar o sistema e o que é posto, foi levado na prática pelos alunos. Foi uma conversa franca e muito produtiva, que me fez repensar algumas estratégias de ensino. Os alunos me deram uma verdadeira aula e comprovaram a eficácia do Hip Hop na sala de aula como auxiliar no desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e do senso crítico. No meu exercício da docência, considero como missão um pensar decolonial, considerando também, como já foi dito, outras narrativas, as que estão além do cânone clássico.

Ao longo dos últimos 12 anos tenho trazido esses questionamentos em minhas reflexões e com isso busquei conhecimento em diversos cursos de curta duração, um curso de aperfeiçoamento em Educação para as Relações Étnico-Raciais na UFSCAR, um mestrado acadêmico em Educação Musical com ênfase nos processos de ensino e aprendizagem de música em contextos urbanos não-formais, participei de congressos, encontros e colóquios e por fim, trouxe minhas inquietações teóricas para o doutorado.

Foi um prazer imenso desenvolver esse projeto. Pretendo realiza-lo novamente, fazendo os ajustes necessários, principalmente com relação ao tempo disponível para o curso. Pretendo também melhorar as estratégias de registro escrito dos alunos, ainda que considere a história oral como recurso validado e legitimado das culturas ancestrais e contemporâneas.

Salve o Hip Hop e salve todas as pessoas que acreditam na potência criadora e crítica dessa cultura de rua, que tem muito a ensinar e muito a contribuir para a autonomia de nossos alunos e para uma sociedade mais equânime.

7. Considerações Finais

Sendo a cultura Hip Hop uma cultura da diáspora africana, ou seja, com herança ancestral em África, originária das ruas dos guetos nova-iorquinos, seu próprio cerne é situado nos contextos urbanos, mais especificamente nas comunidades de baixa renda, que em geral, é composta em sua maioria por negros. A cultura Hip Hop esteve desde sempre ligada ao Movimento Negro, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, reivindicando direitos e igualdade social e principalmente racial.

O Hip Hop sempre esteve presente nas discussões dos movimentos sociais organizados, auxiliando a pensar propostas de Cultura e Educação para jovens. Essa rua foi trazida para o espaço escolar, mas já era vivenciada por alguns alunos. O projeto proporcionou aos alunos um novo olhar para a cultura Hip Hop e para a sociedade.



Figura 19: Final do Projeto: Alunos, convidados e Profa. Nany

Referências

AMARAL, Mônica; CARRIL, Lourdes. (orgs.) **O Hip Hop e as diásporas africanas na modernidade: uma discussão contemporânea sobre cultura e educação.** São Paulo: Alameda, 2015.

_____, **O que o rap diz e a escola contradiz.: Um estudo sobre a arte de rua e a formação da juventude na periferia de São Paulo.** São Paulo: Alameda. 2016

_____.REIS, Rute, SANTOS, Elaine C. M, DIAS, Cristiane (orgs). **Culturas ancestrais e contemporâneas nas escola. Novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/03.** São Paulo: Alameda. 2018.

ANDRADE. Elaine N. **Rap e Educação. Rap é Educação.** São Paulo: Selo Negro. 1999.

BROWN, Mano. Entrevista coletiva do Grupo Racionais MC no Red Bull Station na exposição **Racionais: 30 anos**, Mediação: André Caramante. São Paulo, 5/06/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aqx8TyV85Ic> Acesso em: 26 ago. 2010.

_____. Um sobrevivente do Inferno. Entrevista a Guilherme Henrique, Henrique Santana e Nadine Nascimento ao **Jornal Le Monde Diplomatique Brasil** em 8/01/2018 Disponível em: <http://diplomatique.org.br/um-sobrevivente-do-inferno/> Acesso em: 13 ago 2019.

DYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

HILL, Marc. L. **Batidas, rimas e vida escolar: Pedagogia Hip Hop e as políticas de identidade.** Trad. Paola Pradini e Vinicius Puttini. revisão da tradução e prefácio à brasileira: Mônica do Amaral. São Paulo. Ed. Vozes. 2014.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino.** 2. ed. revista e ampliada. Porto Alegre, Sulina, 2012.

PERPETUA, M. Morre Sylvia Robinson, uma das pioneiras do Hip Hop. **Revista Rolling Stones Brasil.** 30 de setembro de 2011. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/morre-sylvia-robinson-uma-das-pioneiras-do-hip-hop/>. Acesso em: 13 set 2019.

PISKOR, Ed. **Hip Hop Genealogia.** Trad. Mateus Potumatti. São Paulo: Veneta. 2016.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Boaventura de S. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

_____. Boaventura e músicos reafirmam o rap como forma de resistência. Entrevista para o site **RTP Notícias** em 28 de Abril de 2014. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/cultura/boaventura-de-sousa-santos-e-musicos-reafirmam-o-rap-como-forma-de-resistencia_n733652>. Acesso em: 28 maio 2018.

SANTOS, Boaventura de S. **Boaventura de Sousa Santos vira rapper em ensaio de Hip Hop baseado em sua obra**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xciJlb4aVml> . Acesso em: 10 jun. 2018.

_____. **RAP GLOBAL: o show**. Janeiro/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swVOy421dWA>. Acesso em: 30 maio 2018.

_____. **As Epistemologias do Sul**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=URgY9H2NvZM> . Acesso em: 30 maio 2018.

SHUSTERMAN, R. Música do Gueto. Trad. Marcos Carvalho Lopes e Mamadu Seidi. **Capoeira - Revista de Humanidades e Letras**. V.2, n1, ano 2015, pp. 73-77. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) Disponível em: <<http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/capoeira/article/view/42/46>> Acesso em: 22 jan. 2019.

SILVA, Djenane V. S. **Uma Fita de Mil Grau: O movimento Hip Hop na construção de identidades culturais afrodiaspóricas**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal da Bahia. 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31908> Acesso em: 30 de Maio de 2020.

SOBREIRA, Gabriela. **A importância do envolvimento da mulher no hip hop**. BPE - Site de entretenimento para o público negro. Publicado em: 9 de Agosto de 2017. Disponível em: <<http://blackpipe.com.br/2017/08/09/importancia-do-envolvimento-da-mulher-no-hip-hop/>>. Acesso em: 25 julho. 2019.

SOUZA. Jusamara (org). **Aprender e ensinar música no cotidiano**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____; FIALHO, Vânia; ARALDI, Juciane. **Hip Hop: da rua para a escola**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no Som: as transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.